

Espécies da Flora Brasileira e seus Usos no Século XIX em ‘Plantas Usuais dos Brasileiros’, de Auguste de Saint-Hilaire

Valdir Lamim-Guedes ¹

RESUMO

Neste trabalho analisamos a descrição de várias espécies nativas e seus usos contidos na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros*, do viajante naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), publicada em francês em 1824 e em português apenas em 2009. Realizou-se a compilação dos comentários feitos por Saint-Hilaire na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros*. Foram identificados comentários sobre as potencialidades locais, novos usos das plantas e sobre a situação socioambiental do território.

Palavras-chave: Viajantes Naturalistas; Plantas Medicinais; Biodiversidade; História da Ciência e Técnica.

¹ Doutorado em andamento em Educação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Docente no Centro Universitário Senac, SENAC/SP, Brasil. lamimguedes@gmail.com

A História Natural, segundo a *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné* (Diderot & D'Alembert 1728 *apud* Moreira Leite 1995 p.7), “abrange todo o universo, sendo seu objeto tão extenso quanto a natureza – os astros, o ar, animais, vegetais e minerais do globo terrestre, em sua superfície e profundidade. Essas partes são objeto de muitas ciências que derivam da história natural”. É importante destacar que entre os animais, estão os homens, assim comportamentos e línguas também são áreas de interesse. O trabalho dos naturalistas dependia de um intenso trabalho nos gabinetes, bibliotecas, herbários e jardins botânicos, onde eram analisadas coleções e classificados seres vivos e minerais. Por outro lado, o material colecionado tinha que ser obtido na natureza seguindo uma série de exigências para assegurar a conservação e identificação, aliado a isto, a percepção do contexto em que foi realizada a coleta exigia diversas informações ainda inéditas, já que entre os séculos XVIII e XIX grande parte do planeta ainda era desconhecido em termos de História Natural. Desta forma, surge a figura do viajante naturalista.

Kury (2001a) comenta sobre a distinção e disputas entre permanecer em um gabinete e *ver o mundo com os próprios olhos*, neste segundo grupo estão muitos naturalistas influenciados por Alexander von Humboldt (1769-1859). Ficar no gabinete “não indica desprezo com relação aos resultados das viagens, e sim uma espécie de proposta de divisão de trabalho científico, em que o viajante é visto como um coletor, cujas coleções e informações são essenciais para a história natural” (Kury 2001a p.865).

Os viajantes naturalistas dos séculos XV a XIX, segundo o professor Jean Marcel Carvalho França, eram na maioria europeus, alfabetizados, a serviço de um Estado – que poderia ser um império colonial, como Portugal, Espanha ou Inglaterra – e envolvidos em negócios estratégicos, como a descoberta de novos produtos ou negociações comerciais e expedições científicas. Para Kury (2001a p.864), as viagens eram muitas vezes realizadas “por naturalistas mais jovens, oficiais da Marinha, nobres em busca de entretenimento filantrópico ou aventureiros em geral”. Aqui é importante destacar esta atitude “filantrópica”:

Filantrópia é na língua francesa um neologismo do século XVIII para designar uma virtude que consideravam natural do ser humano, que é o amor por seu próximo. A filantropia é uma laicização do sentimento da caridade. Quanto à caridade, trata-se do amor por Deus que leva ao ato de fazer bem aos outros; já a filantropia diz respeito à “humanidade”. Nesta última, as ações dos indivíduos em favor da sociedade são consideradas como um sentimento natural, pois a felicidade pessoal só pode ser assegurada quando reina a prosperidade social.

A filantropia é um valor aos olhos da elite europeia de fins do século XVIII e do século XIX, qualquer que seja sua orientação política. Ela age como um pano de fundo a justificar as ambições nacionais e pessoais, já que os interesses privados eram vistos como coletivos. O sentimento filantrópico deveria nortear as ações do europeu civilizado. É em nome do progresso e do bem da humanidade que se dá a expansão colonialista do século XIX e não

Valdir Lamim-Guedes

com a evocação do lucro privado capitalista. (...) Os viajantes europeus que visitam os países ditos selvagens ou menos civilizados, como é o caso do Brasil, sentem-se portadores de uma espécie de missão. Sentem-se como irmãos mais velhos dos outros povos, a quem devem ajudar e aconselhar. Para eles, seus interesses são o interesse da humanidade inteira. A ciência é o instrumento maior que permite o exercício da missão do viajante, pois permitiria conhecer as leis da natureza e auxiliaria a vida dos homens (Kury 2003 p.2).

Portanto, muito da atuação dos homens de ciência, inclusive a acumulação de conhecimento sobre a natureza, era justificada por este espírito filantrópico. A busca por *status* era uma motivação adicional, já que muitos depois assumiam postos administrativos nas cortes.

Os viajantes naturalistas buscavam um aproveitamento mais intenso, rápido e eficaz dos recursos humanos e materiais oferecidos por diversas partes do planeta. Estes produziram conhecimentos voltado à identificação e avaliação destes recursos requalificando as relações entre a Europa e os outros continentes, reforçando as possibilidades de exploração por parte dos europeus. Estes homens de ciência eram reconhecidos naquela época, assim como atualmente, pela literatura de viagem que a “profusão de registros produzida pelos diversos tipos de viajante, uma maneira de tornar a experiência da viagem reprodutível” (Kury 2001a p.879). Por outro lado, estes naturalistas faziam “a separação da narrativa pitoresca, baseada em seus diários de viagem, dos textos propriamente científicos destinados à classificação dos elementos encontrados” (Martins 2014), como foi o caso da obra que será analisada neste trabalho.

Na América Espanhola, as expedições de viajantes naturalistas já ocorriam desde o século XVIII. Importantes estudiosos/pesquisadores/viajantes do período, como Alexander von Humboldt (1769-1859), Charles Marie de La Condamine (1701-1774) e Louis Antoine de Bounganville (1729-1811), não puderam fazer suas incursões pelo território brasileiro devido aos impedimentos criados pela Coroa portuguesa (Arnal 2000; Lamim-Guedes 2014). Portanto, apenas após a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, e com a chamada “abertura dos portos às nações amigas” (1808), abriu-se a possibilidade de estrangeiros virem ao Brasil. A partir de 1809, os interesses internos e externos convergiram para as pesquisas, como uma forma de conhecer as potencialidades do país, com o intuito de poder melhor explorá-lo (Leite 1996). Neste momento, intensifica o fluxo de viajantes naturalistas ao Brasil.

Nas instruções de viagens científicas das academias europeias, por exemplo, transparecia a preocupação em recolher e aclimatar plantas de lugares distantes, atividades que seriam úteis para o comércio das grandes potências ou, como ocorreu com a batata, que ajudariam a resolver o problema da fome dos pobres da Europa (Kury 2001b). Segundo Kury, em entrevista à Reznik (2011 s.p.), “eles tinham conhecimentos não apenas botânicos, mas de zoologia, geologia e outras áreas, de modo que

seus cadernos e relatos de viagem nos dão, além de uma descrição mais apurada da planta, uma referência do contexto e do local em que foi coletada". A contribuição dos viajantes naturalistas para o conhecimento da flora brasileira é incalculável (Oliveira *et al.* 2012), sendo que existe um enorme volume de obras de viajantes em diferentes línguas guardados e mantidos em arquivos, bibliotecas e periódicos que ainda está inexplorado (Moreira Leite 1997). Um dos principais viajantes naturalistas que vieram ao Brasil foi o Francês Auguste de Saint-Hilaire que será o foco deste texto.

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE: VIDA E OBRA

Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire (Orleans - França, 1779-1853) foi um dos principais botânicos que exploraram o interior do Brasil. Durante seis anos, entre 1816 e 1822, percorreu as Províncias do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás (ainda englobava o Tocantins), São Paulo (ainda englobava o Paraná), Santa Catarina, Rio Grande do Sul, além do Rio da Plata e a Província de Missiones na Argentina, parte do Uruguai e parte leste do Paraguai (CRIA, IB, MNHN & CLF 2013).

Seu nome é mais conhecido no Brasil do que na França, tendo uma grande importância, entre outros aspectos, como fonte para historiadores, devido aos seus registros culturais e socioeconômicos, assim, como o conhecimento da biota (ele também fez coletas zoológicas) do Brasil Colônia (Pignal *et al.* 2013).

Suas viagens estão relatadas em vasta bibliografia, onde são descritas suas impressões colhidas nos seis anos percorrendo a região meridional da América do Sul. As viagens de Saint-Hilaire resultaram na coleta de cerca de 30 mil exemplares, dos quais seis a sete mil espécies de plantas, esse material encontra-se hoje depositados no *Muséum National d'Histoire Naturelle* em Paris, com duplicatas em Montpellier (França) (Brandão *et al.* 2012). Muitos gêneros botânicos até então desconhecidos à ciência foram descritos por Saint-Hilaire e estima-se que destas cerca de 4.500 são novas espécies coletadas. As amostras foram criteriosamente catalogadas e enumeradas nos cadernos de coletas de campo (CRIA, IB, MNHN & CLF 2013b). Entre as espécies que ele descreveu estão a erva-mate (*Ilex paraguariensis* A.St.-Hil., Aquifoliaceae), a lobeira ou fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum* A.St.-Hil., Solanaceae) e o Pequi (*Caryocar brasiliensis* A.St.-Hil., Caryocaraceae).

As plantas coletadas por Saint-Hilaire, depositadas no *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris², são de difícil consulta porque foram frequentemente distribuídas no *Hernier Général* (Herbário

² Este museu tem a maior coleção de exsicatas do mundo, com mais de 8 milhões de espécimes (Peixoto & Amorim 2003).

geral, em francês). Contudo, ainda são uma importante fonte de informações para pesquisadores que estudam a flora brasileira (Pignal *et al.* 2013), sobretudo, por ter muitos espécimes tipo³.

A sua viagem pelo Brasil foi registrada em cinco cadernos de campo, nos quais, além de aspectos naturais e da biota, registrou aspectos peculiares da cultura popular (Brandão *et al.* 2012).

Em 1824, ele publicou dois livros *Plantes usuelles des Brésiliens* (Saint-Hilaire 1824a) e *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* (Saint-Hilaire 1824b). O seu relato de viagem foi publicado nos anos seguintes dividido em trechos do caminho percorrido, como o livro *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil* (Saint-Hilaire 1974), ao todo, foram publicados seis relatos de viagem entre 1830 e 1887 (o último póstumo).

Sua principal obra é a *Flora brasiliæ meridionalis* (Saint-Hilaire *et al.* 1825-1833), sendo o primeiro extenso levantamento da flora brasileira e que contém as novas espécies de plantas descritas por Saint-Hilaire. Este trabalho foi o primeiro tratamento sistemático da vegetação do centro-sul do Brasil. Sua contribuição ao conhecimento da biodiversidade vegetal brasileira é incalculável: centenas de novas espécies foram descobertas e novos gêneros foram descritos com o material coletado por Saint-Hilaire (Brandão *et al.* 2012).

Boa parte de seu acervo, incluindo muitas exsicatas digitalizadas e todos os seus cadernos de campo, além das versões originais de suas obras publicadas, estão disponíveis no *Herbário Virtual A. de Saint-Hilaire*⁴ (CRIA, IB, MNHN & CLF 2013).

Em suas obras e em seus cadernos de campo, Saint-Hilaire percebeu o começo da destruição da floresta atlântica brasileira, sendo registrada em seus escritos (Brandão *et al.* 2012; Lamim-Guedes 2010; Pignal *et al.* 2013). Este registro permite, por exemplo, uma análise histórica-ambiental da degradação ambiental, biodiversidade e recursos naturais (como minérios) da região de Ouro Preto (Vila Rica, capital da Província de Minas Gerais na época) (Lamim-Guedes 2010), em relação a degradação da vegetação comentou que:

Todas as montanhas (...) são cobertas de arbustos densos e de um verde sombrio, incessantemente cortados pelos negros para as necessidades dos moradores. Esses arbustos substituem as florestas virgens que os primeiros mineradores haviam queimado para descobrir a região e em alguns lugares para plantar o milho (Saint-Hilaire 1974 p.85).

Em alguns relatos fica o lamento deste viajante naturalista em relação à destruição das florestas: “É aí [nas florestas] que a natureza mostra toda a sua magnificência, é aí que ela parece se

³ Espécimes, na forma de exsicata, que foram usados para descrever uma espécie e são adotados como referência para a identificação da espécie.

⁴ <http://hvsh.cria.org.br/>.

desabrochar na variedade de suas obras; e, devo dizer com pesar, essas magníficas florestas foram muitas vezes destruídas sem necessidade” (Saint-Hilaire 1974 p.52).

Neste contexto, objetivou-se copilar os comentários feitos por Saint-Hilaire na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros* (2009)⁵, tendo com isto a visão que o naturalista teve do Brasil em sua passagem pela então colônia portuguesa. Incluindo neste caso comentários sobre as potencialidades locais, novos usos das plantas e sobre a situação socioambiental do território.

METODOLOGIA

O texto analisado neste trabalho foi a obra *Plantas Usuais dos Brasileiros*, na versão em português traduzida e publicada em 2009 a partir do original em francês de 1824.

Na obra, são descritas a morfologia da planta, sobretudo as flores⁶, a classificação em espécie, gênero e família, incluindo comentários em relação às relações de parentesco e a etimologia do nome da científico da espécie e do(s) nome(s) vulgar(es). A parte que mais nos interessa no caso deste texto são os “usos” ou “propriedades”, nas quais o autor apresenta os usos registrados para as espécies descritas, assim como comentários sobre outros usos potenciais, incluindo comentários sobre costumes locais e ações que poderiam ser realizadas para gerar novas fontes de renda no território, tanto pela existência de matérias-primas locais que eram importadas, sobretudo da Europa (como remédios, algumas especiarias e algodão), como produtos que poderiam passar a ser exportados.

Realizamos uma leitura detalhada da obra, registrando as passagens que continham comentários sobre os usos das plantas descritas, sobretudo comentários sobre potencialidades locais, novos usos das plantas e sobre a situação socioambiental do território. Dividimos os usos em grupos, por exemplo, “medicinal” e “alimentício”, para termos um resumo do que foi reportado na obra. Na próxima seção deste texto (Resultados e Discussão), iremos descrever a obra, usos das plantas apresentadas nesta e, por fim, apresentar os comentários retirados do texto. Ao fim do texto, está disponível uma planilha (Apêndice 01) com as informações para as espécies citadas pelo autor, com indicação do nome científico, nome vulgar, localização (geográfica e habitat) e usos disponíveis.

Os nomes botânicos foram atualizados usando como referência a Lista de Espécies da Flora do Brasil (LBRJ 2015) e a base de dados virtual *The Plant List* (RBG & MBG 2013). Os nomes científicos, na primeira vez que aparecem no texto, são apresentados em itálico, seguidos pelo nome

⁵ Versão digital disponível em: <http://www.ceplamt.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Plantas-usuais-dos-brasileiros.pdf>.

⁶ Por ser o principal órgão da planta usado nas descrições de espécies e para determinar os parentescos entre espécies e categorias biológica superior, como gêneros e famílias.

Valdir Lamim-Guedes

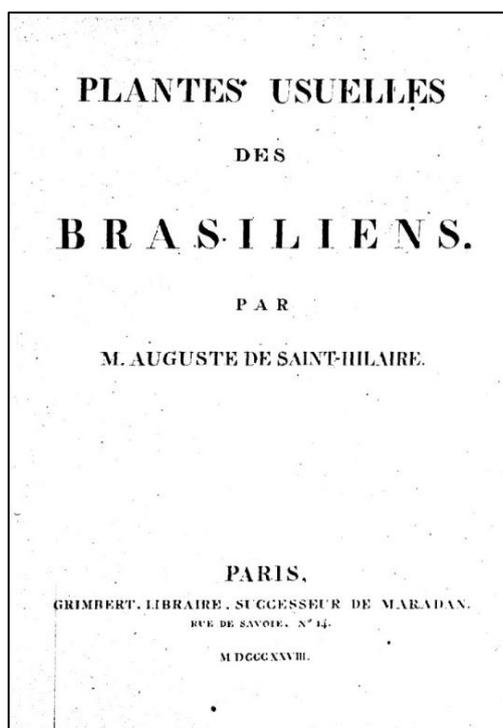
abreviado do descritor e pela família botânica, conforme regras de nomenclatura (IAPT 2012), nas outras vezes que aparecem no texto, é citada a inicial do gênero seguido pelo epíteto específico. Os nomes botânicos foram atualizados no corpo do texto com o original usado pelo autor indicado em nota de rodapé. Nas citações diretas, foi mantida o nome científico definido pelo autor, com o nome científico atualizado em nota de rodapé. Se o nome científico não mudou, este aparece no texto sem nota de rodapé.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DESCRIÇÃO DA OBRA

Plantes Usuelles des Brasiliens (em português: *Plantas Usuais dos Brasileiros*), foi publicada em francês em 1824. Apenas recentemente, em 2009, foi traduzida para o português pela equipe do Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas (DATAPLAMT) da Universidade Federal de Minas Gerais, em colaboração com o *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris, que guarda grande parte do acervo bibliográfico original de Saint-Hilaire e de suas exsicatas obtidas no Brasil.

Figura 01. Capa *fac simile* da versão original do livro *Plantes Usuelles des Brasiliens* (*Plantas Usuais dos Brasileiros*) de 1824



Fonte: Biblioteca Nacional Francesa⁷

⁷ <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k97595d/f1.image>.

A obra trata-se de um catálogo de plantas com diversos usos, sobretudo medicinal, que Saint-Hilaire coletou no Brasil durante suas viagens⁸. A estadia deste viajante naturalista no Brasil (1816-1822) e publicada desta obra na França em 1824 retratam o momento político da época. A presença da família Real portuguesa no Brasil, em contraposição à posição lusitana assumida no século anterior, faz com que “as expedições ditas científicas, mas também artísticas, produzirão um conhecimento sistemático sobre o território luso-americano, motivadas pelo novo contexto de abertura dos portos, influenciando na construção do Império do Brasil” (Lahuerta 2006).

A capa do livro (Figura 1) traz Saint-Hilaire como autor do livro, no entanto, no início da obra, há uma advertência. Nesta é esclarecido que o autor, devido à problemas de saúde, teve a ajuda de Jacques Cambessèdes (1799-1863) e de Adrien-Henri de Jussieu (1797-1853), responsáveis por parte da redação. O texto é basicamente em primeira pessoa, por exemplo, com passagens como “coletei na Província de Minas Gerais”, mas em pelo menos dois trechos a redação dá a entender que não foi Saint-Hilaire quem escreveu. Sobre a *Lantana pseudothea*⁹ A.St.-Hil. (Verbenaceae), foi comentado que “Auguste de Saint Hilaire, que fez uso dela por muito tempo, preferia essa bebida ao verdadeiro chá” (Saint-Hilaire 2009 p.387) e “Auguste de Saint-Hilaire, não tendo visto ele próprio os frutos de nosso *Sapindus*, não pôde definir em qual dessas duas classes elas devem ser relacionadas; suas notas nos ensinam somente que seus frutos, chamados de Pitomba são carnudos e muito saboreados pelos habitantes do *Certao*” (Saint-Hilaire 2009 p.379).

O texto da obra é constituído pelos elementos pré-textuais (capa e advertência – comentada acima), a descrição de cada espécie e, por fim, a lista de pranchas (que acaba indiretamente funcionando como sumário). Na versão em português, há um prefácio assinado pelos organizadores. A descrição de cada espécie era composta pelo nome científico e um nome em francês que explica o nome científico (por exemplo, *Maprounea brasiliensis* – nome científico – é seguido por *Maprounea du Brésil*). A seguir, uma diagnose em latim, nome(s) vulgar(es) (geralmente os usados pelos brasileiros, mas, eventualmente, aparece o nome indígena, português ou da América espanhola), a descrição da espécie (basicamente, a morfologia dos órgão da planta), localidades, usos (às vezes aparece como *Propriedades*), observações botânicas (com comentários sobre os parentescos entre espécies e gêneros), explicação sobre a figura e

⁸ Como ele indica as localidades onde encontrou as espécies, é importante destacar que na época o Uruguai era a Província Cisplatina, sob domínio da coroa portuguesa e integrada ao território brasileiro, assim como parte da região das Missões, atualmente território dividido entre o Rio Grande do Sul e Argentina. Assim como a Caiena, atual Guiana Francesa, que tinha sido invadido por Portugal em represália a invasão do território português na Europa pelo exército de Napoleão Bonaparte. A divisão em Províncias era distinta da divisão atual do Brasil em estados, assim temos São Paulo englobando o Paraná (no livro aparece como “região setentrional da Província de São Paulo”) e ainda não existia o Tocantins (desmembrado de Goiás apenas em 1988).

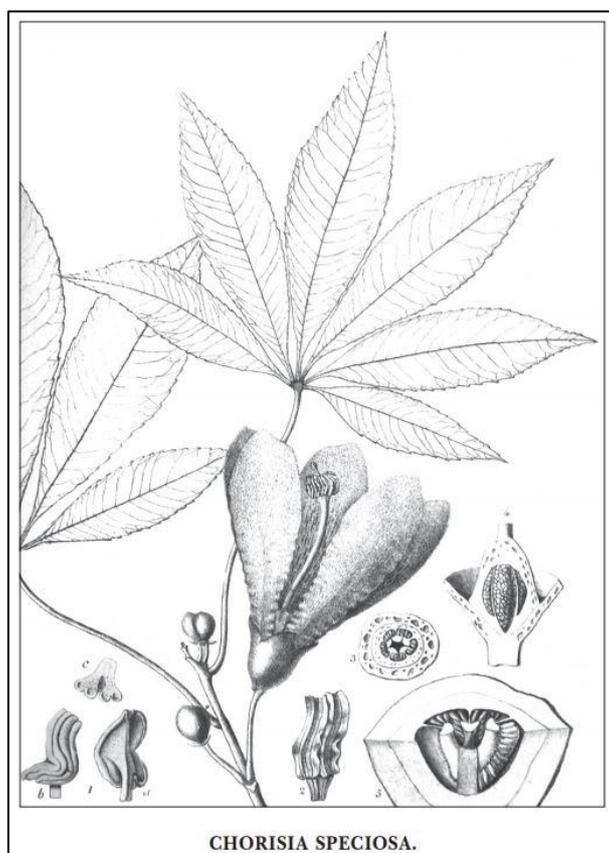
⁹ Redação no livro: *Lantana psedo-thea*

Valdir Lamim-Guedes

a prancha com desenho de um ramo da planta e órgãos reprodutivos (flores e frutos, geralmente) (Figura 02).

O livro é dividido em 70 plantas como foco de *fichas*¹⁰ (na imagem abaixo está o exemplo de uma prancha que compõe uma ficha), no entanto, como há descrição de mais espécies que são parecidas (devido ao parentesco e aos usos) a espécie focal do capítulo, tem-se 74 entre espécies e variedades descritas no livro em 392 páginas na versão em português (340 na versão original francesa).

Figura 02. Prancha sobre a espécie *Chrorisia speciosa* A.St.-Hil (Malvaceae), cujo nome vulgar é paineira



Fonte: Saint-Hilaire (2009 p.352).

USOS DAS PLANTAS USUAIS DOS BRASILEIROS

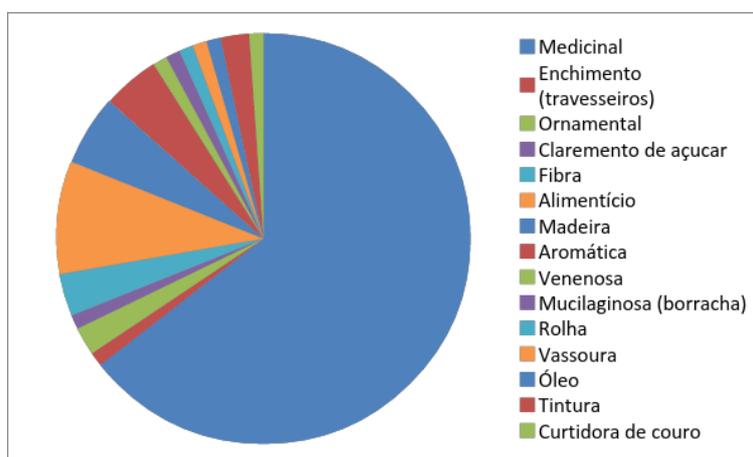
Foram registrados 90 usos das plantas descritas na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros* (Gráfico 01, veja também o apêndice 01). Para algumas espécies foram citados vários usos medicinais, que reunimos todos em um grupo apenas “medicinal”, e para algumas espécies foram citadas mais de um uso, por exemplo, medicinal e a madeira. A maioria das espécies foi indicada como medicinal, ao todo 58 espécies com menções de usos comprovados ou não (muitas vezes é um uso popular sem testes

¹⁰ A obra trata-se de um catálogo.

Valdir Lamim-Guedes

clínicos, nem evidências científicas de efetividade no tratamento). Para oito espécies foram citados usos alimentícios, cinco usos da madeira (como uso na construção e, em uma destas, para confecção de foguetes); quatro espécies com uso aromático (como especiarias, incluindo uma para chá); três espécies com uso da fibra; duas citações para usos ornamental e como fonte de tinturas; e alguns usos foram citados para uma espécie, estes são: enchimento de travesseiros e almofadas, clareamento de açúcar, venenosa, borracha, rolha, vassoura, óleo (para pintura e queima) e para o curtimento de couro.

Gráfico 01. Usos das plantas descritas na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros* de Auguste de Saint-Hilaire (2009).



Fonte: O Autor.

Algumas das espécies citadas a seguir foram testadas e a eficácia destas foi confirmada por estudos laboratoriais. Oliveira *et al.* (2012) traz uma extensa lista de plantas (283 plantas uteis, sendo 165 identificadas até o nível de espécie) citadas por Saint-Hilaire em seus cadernos de campo para as regiões de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Goiás. Muitas espécies exóticas (ou seja, que não são originárias da região) foram citadas por Saint-Hilaire em seus cadernos de campo, como a camomila (*Matricaria chamomilla* L., Asteraceae).

COMENTÁRIOS DE SAINT-HILAIRE SOBRE CULTURA LOCAL, NEGÓCIOS E POLÍTICA CIENTÍFICA

Os comentários selecionados são representativos da visão do autor sobre as possibilidades de uso, a importância de novos estudos, comentários sobre usos corretos e a serem evitados e comentários sobre a degradação ambiental e aspectos culturais brasileiros.

Para compreender melhor os trechos apresentados a seguir, com comentários de Saint-Hilaire, é importante destacar as intenções de viagem deste viajante naturalista. De acordo com a *Brasília da Biblioteca Nacional: guia das fontes sobre o Brasil* (Pereira 2001 p.69 *apud* Martins 2014), tais intenções já vinham traçadas:

Valdir Lamim-Guedes

Não foi um amador que veio ao Brasil. Saint-Hilaire conhecia profundamente a literatura científica e de viagens da época e os procedimentos práticos do trabalho de um naturalista, tais como noções básicas de agricultura, confecção de herbários, transporte de vegetais e, principalmente, dissecação de plantas, a fim de descobrir seus órgãos, por menores ou mais escondidos que estivessem. Uma das características mais marcantes do envolvimento de Saint-Hilaire com o Brasil foi sua vinculação aos discursos e *práticas utilitárias e filantrópicas* que dominam a literatura de viagens desde fins do Antigo Regime (grifo nosso).

Portanto, corroborasse a perspectiva de filantropia, comentada por Kury (2003).

USOS ALTERNATIVOS, NOVOS NEGÓCIOS E A SUBSTITUIÇÃO DE MATÉRIAS-PRIMAS IMPORTADAS

Para *Strychnos pseudoquina* A.St.-Hil. (Loganiaceae), a *quina do campo*, Saint-Hilaire (2009 p.13):

de todas as plantas medicinais do Brasil, *Strychnos pseudoquina*, ou quina do campo, talvez seja a de uso mais divulgado e cujas propriedades são melhor constatadas. (...) se os habitantes do litoral, e sobretudo do Rio de Janeiro, que fazem um uso tão frequente da quinquina [de origem peruana, da mesma família] das boticas, quisessem substituí-las pela casca da *pseudoquina*, planta comum no interior de seu próprio país, não obteriam resultados menos satisfatórios, e se livrariam de um tributo oneroso. Por outro lado, se esse medicamento fosse adotado na Europa, ele poderia ser vendido a preços menos elevados que a quinquina do Peru, e, ao mesmo tempo, se tornaria para o Brasil um novo ramo de comércio.

As sugestões em relação aos usos das plantas não são restritos aos medicinais. Para o Craveiro da terra (*Calyptranthes aromática* A.St.-Hil., Mirtaceae), Saint-Hilaire (2009 p.86) indica uma espécie com potencial comercial, aparentemente, ignorada pela população:

(...) até aqui esta planta preciosa havia escapado à atenção dos brasileiros; mas pensei dever indicá-la, porque ela pode dar lugar futuramente a um ramo de comércio muito vantajoso. Sem ter a mesma força que o cravo-da-índia, tem, entretanto, nos botões e flores de *Calyptranthes aromática* seu gosto e seu perfume (...) Como tempero e como remédio, as flores da planta que indico aqui poderiam, pois, ser substitutas eficazes às especiarias das Molucas.

Sobre a *Drymys brasiliensis*¹¹ Miers (Winteraceae) a sugestão é para enviá-la do interior do país para o litoral, a fim de ser usada nas grandes cidades brasileiras da época, e também que sejam enviadas remessas à Europa, o que também traria um “pequeno comércio” (Saint-Hilaire 2009 p.161).

Saint-Hilaire (2009 p.221), ao apresentar a planta *Zanthoxylum hyemale* A.St.-Hil. (Rutaceae), o coentrilho, comenta sobre o uso habitual, mas apresenta um uso alternativo:

os habitantes da região onde cresce o coentrilho dizem que sua casca reduzida a pó cura males do ouvido. Esse remédio é evidentemente um daqueles que uma prática esclarecida não deixará de rejeitar; mas, para que essa árvore seja estimada, não há necessidade de acumulá-la de virtudes imaginárias. Quando ela se encontra nas florestas, ela se eleva, como disse, a uma grande altura, e fornece uma madeira dura, excelente para a construção.

Saint-Hilaire, por vezes, sugere que uma planta de um local do Brasil poderia ser levada para outra região. Por exemplo, para *Sterculia chicha* A.St.-Hil. (Malvaceae), chamada popularmente como

¹¹ Nome adotado no livro: *Drymys granatensis*.

chichá, o autor comenta o seu alimentício (consumo das sementes), que “constitui ainda um desses inúmeros vegetais que, sem cultura, fornecem aos brasileiros do interior frutos comestíveis, e é muito provável que, com alguns cuidados, esses frutos tornar-se-ão ainda melhores” (2009 p.268), e ainda comenta que “não podemos, pois, impedir-nos de aconselhar aos habitantes do litoral que introduzam em suas casas o *chichá*; ele ornamentará seus jardins pela sua beleza, e seus frutos aumentarão seus prazeres” (Saint-Hilaire 2009 p.268).

Saint-Hilaire (2009 p.49), comenta sobre as possibilidades de usos da Poaya do campo (*Richardsonia rosea* A.St.-Hil., Rubiaceae), destacando as suas potencialidades medicinais e a possibilidade de ser um novo produto de exportação:

essa planta é empregada com grande sucesso pelos lavradores das imediações de São João del Rei, para substituir a *Cephaelis ipecacuanha*¹², que não cresce nessa região. Não apenas suas propriedades são as mesmas da verdadeira Ipecacuanha, mas ainda obtém-se dela resultados semelhantes em doses menos consideráveis. Atualmente, já que *Cephaelis ipecacuanha* tornar-se menos abundante, os brasileiros poderiam tentar enviar à Europa as raízes da *Richardsonia rosea*, cujas vantagens talvez não se tardará a reconhecer. Essa planta seria também muito mais fácil de cultivar que a *Cephaelis*; porque se multiplica com extrema facilidade. Ela não tem necessidade de sombra, e se adapta muito bem em terrenos batidos e pouco férteis.

Sobre a *Joannesia princeps* Vell.¹³ (Euphorbiaceae), o *Andaacu*, Saint-Hilaire (2009 p.305-307), faz uma extensa descrição de como esta planta aparece nos relatos de viagem de outros naturalistas, como Willem Pizo (1611–1678) e Georg Marcgraff (1610-1644), por fim, sugere um uso inabitual no país: “a nogueira não se acha, nem é cultivada no Brasil, e o óleo empregado na pintura é todo importado. Essa bela árvore, que se cultiva perto do mar, onde crescem poucos vegetais, teria também a vantagem de dar valor e sombra a terrenos que são desprovidos de um e de outra”.

Em relação ao *capitão do mato* ou *chá de pedreste* (*L. pseudothea*), é feito um comentário mais de cunho econômico: “a cultura da *Lantana pseudo-thea* poderia, pois, tornar-se um dia um objeto importante para o Brasil; e livrar esse país de uma importação onerosa” (Saint-Hilaire 2009 p.386).

MAU USO E PERDA DO PATRIMÔNIO NATURAL

Em relação à *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A.Rich. (Rubiaceae), conhecida popularmente como Poaya, Poaya do mato, Poaya da Botica, e na França, Ipecacuanha. Saint-Hilaire (2009 p.43), comenta sobre como o processo de extração descontrolado poderá levar esta planta a extinção e, ainda, comenta sobre a possibilidade de cultivá-la:

(...) embora esta última espécie [*Cephaelis ipecacuanha*] tenha sido destruída nas imediações do Rio de Janeiro, e em geral nas das grandes cidades, ela ainda é bastante comum em muitos lugares.

¹² *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A.Rich. (Rubiaceae).

¹³ Nome citado por Saint-Hilaire: *Anda gomesii*

Valdir Lamim-Guedes

No entanto, como ela é arrancada sem prudência, não esperando para isso a maturidade de seus frutos, e como, por outro lado, são destruídos todos os dias vastas porções de mata virgem onde ela nasce em abundância, é incontestável que ela não tardará a se tornar rara, e seria importante que se pensasse seriamente em cultivá-la. Tentativas feitas por várias pessoas provam que ela se reproduz igualmente bem por sementeira e por mudas. Ela não exige quase nenhum cuidado quando cultivada nas matas, à sombra das grandes árvores; mas quando se é obrigado a cultivá-la em lugares descobertos, é necessário proporcionar-lhe uma sombra artificial.

Para outra anonácea, *Xylopia sericea* A.St.-Hil. (Anonaceae), Saint-Hilaire (2009 p.195) indica a substituição do uso como fibra para cordas (embira), pelo uso como especiaria e comenta sobre a relação dos brasileiros com os recursos naturais:

Se fossem mais conhecidos, esses frutos seriam certamente procurados como especiaria, e poderiam dar lugar a um novo ramo do comércio; mas, infelizmente, os brasileiros se acostumaram a desdenhar todas as vantagens que a natureza lhes prodigou, e na destruição das florestas, que progride tão rapidamente, a árvore que acabo de analisar não está sendo menos poupada do que tantas outras espécies preciosas, que acabarão talvez por desaparecer totalmente.

A degradação ambiental aparece nos relatos dos viajantes naturalistas distribuída no texto, junto com a caracterização biótica, abiótica, aspectos culturais e infraestrutura regional (Lamim-Guedes 2010). Alguns naturalistas já observavam esta degradação como um fator que colocava em risco o desenvolvimento da colônia, entre eles se destacam o Barão von Eschwege (1777-1855) e Saint-Hilaire.

USOS ALIMENTÍCIOS E ASPECTOS CULTURAIS

O Lobolobo (*Conoboria lobolobo* A.St.-Hil. e *Rinorea guianensis* Aubl.¹⁴, Violaceae) é uma das espécies com potencial alimentício que Saint-Hilaire apresenta na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros*. Sobre esta espécie ele comenta sobre a possibilidade dela ser cultivada, sobretudo, buscando ressaltar suas qualidades alimentícias e faz uma comparação com o processo de domesticação de hortaliças europeias:

é justo espantar-se com o fato de que, com exceção de algumas raízes, os habitantes do Brasil meridional não cultivem plantas hortaliças que pertencem realmente a seu país. É impossível supor, entretanto, que entre uma quantidade prodigiosa de vegetais, não se encontre um grande número que possa se tornar excelente legume. Mas não se deve esquecer que se as plantas que enchem as hortas da Europa oferecem hoje alimentos tão sadios quanto agradáveis, isso se deve às tentativas mil vezes repetidas, e a um trabalho assíduo; as raízes da cenoura selvagem são duras e extremamente delgadas; não poderiam ser comidas sem graves inconvenientes; o aipo tal como cresce à margem de nossas fontes; enfim, nossas couves, nossas alfaces, nossos melões, etc., não são senão o resultado da arte e da cultura. É pois desejável que os brasileiros façam quanto a isso tentativas que a perseverança tornaria certamente proveitosas. Eu lhes recomendo aqui as *Conoboria lobolobo* e *castanefolia*, porque já há dados para se crer que cultivando-as, poder-se-á delas tirar partido. Suas folhas cruas não têm senão um gosto herbáceo, mas cozidas, tornam-se viscosas, e os negros de várias regiões das proximidades do rio de Janeiro comem-nas com seus alimentos. Seria necessário transplantar a *lobolobo* nas boas terras, colocá-las na sombra, tentar mesmo alguns meios para debilitá-las, ou

¹⁴ Aparece no livro como *Conoboria castanefolia*.

Valdir Lamim-Guedes

como dizem os jardineiros, para tornar brancas suas folhas; e deve-se presumir que se acabaria obtendo um legume agradável (Saint-Hilaire 2009 p.43-44).

Para algumas plantas, Saint-Hilaire sugere usos alimentícios que não eram de conhecimento ou comum entre os brasileiros. Para *D. brasiliensis*, o autor afirma que:

É unicamente por suas propriedades medicinais que os brasileiros conhecem a casca da *Drymis granatensis*; mas, assim como vários autores já observaram, ela pode também ser empregada como especiaria. Se os habitantes do Brasil dessem o exemplo se servir dela para temperar os alimentos, seria possível que seu emprego na preparação dos pratos se estendesse pouco a pouco; e a planta que a produziu adquiriria assim uma grande importância para o país (Saint-Hilaire 2009 p.161).

Para algumas plantas da família Anonaceae, como o *araticu* (*araticum*), Saint-Hilaire (2009 p.170) sugere o uso alimentício dos frutos, comparando estes frutos com os europeus:

Perguntou-se muitas vezes se os frutos indígenas do Brasil eram superiores aos da Europa, ou se estes últimos mereceriam a preferência; mas essa questão, habitualmente mal colocada, quase nunca é decidida com justiça. É incontestável que os frutos da Europa, tais como hoje os comemos, são bem mais saborosos que os do Brasil; mas é preciso não se esquecer de que eles são o resultado de uma cultura de vários séculos, ao passo que os frutos indígenas do Brasil estão ainda quase todos em estado selvagem. Se quisermos ser justos, não compararemos pois estes últimos com as maçãs, as peras, e as ameixas de nossos jardins, mas com as que nascem naturalmente em nossos bosques; e, então, não se hesitará um só instante em dar a preferência aos frutos do Brasil. Encontramos nas florestas e nas savanas dessa bela região, uma multidão de frutos que se pode comer com prazer, logo, é de se crer que eles não permanecerão inferiores aos nossos, quando se lhes der algum cuidado. As jaboticabeiras transportadas das florestas aos jardins de São Paulo e do Tejuco, aí produziram frutos deliciosos, unicamente porque aí encontraram um terreno que mais lhes convinha. Como não seria se eles tivessem sido aperfeiçoados sementeiras feitas em terras misturadas com arte, e por enxertos repetidos várias vezes, seja na própria espécie, seja em espécies vizinhas! Darei a conhecer sucessivamente os frutos indígenas merecem os cuidados dos habitantes do Brasil, e, entre eles, citarei hoje as *Anones* ou *Corossols*, geralmente conhecidas por *Araticu*.

ATENÇÃO AOS HOMENS DA ARTE

Menções às “pessoas da arte” ou aos médicos aparecem algumas vezes no texto, retratando um potencial medicinal ou outro uso que deveria ser estudado para se ter um melhor uso. Assim, temos dois aspectos relacionados a estes comentários: a constatação do volume restrito de informações sobre os usos das plantas abordadas na obra, assim como a necessidade de *atividades científicas* desenvolvidas no país, por locais ou estrangeiros, já que o autor indica de forma genérica “pessoas da arte” ou “homem esclarecido”. Citamos aqui as atividades científicas, ao invés de *ciência*, contrastando uma realidade concreta com uma visão abstrata e pretensamente universal, conforme proposta de análise da história da ciência latino-americana das últimas décadas defendida pelo pesquisador espanhol Antonio Lafuente (*cf.* Figueirôa 2000).

Em relação à *Hybanthus calceolaria*¹⁵ (L.) Oken (Violaceae), conhecida como Poaya, Poaya da praia e Poaya branca, que é uma das espécies com propriedades comparadas à Ipecacuanha (*C. ipecacuanha*), Saint-Hilaire (2009 p.69), ao relatar os usos medicinais contra a gota pode populações do Rio Grande do Norte, comenta que “não poderia citar nenhum fato particular que viesse em apoio a essa última asserção, mas ela parece ter bastante importância para merecer a atenção das pessoas da arte”.

Sobre a leiteira ou lechetres (*Euphorbia papillosa* A.St.-Hil., Euphorbiaceae), usada como purgativo, Saint-Hilaire (2009 p.111) afirma que:

seria desejável, entretanto, que algum homem esclarecido fizesse com essa planta experiências regulares para saber em que doses ela deve ser administrada em indivíduos de diferentes idades porque usando-a sem discernimento, como fazem muito lavradores, corre-se o risco de causar efeitos superpurgativos perigosos.

Em relação à *D. brasiliensis*, “seria do interesse do país que os práticos das cidades marítimas procurassem substituí-la aos remédios análogos que o Brasil é obrigado a pagar do estrangeiro” (Saint-Hilaire 2009 p.161).

A planta chamada *Para Todo* (*Gomphrena arborescens* L.f.¹⁶, Amaranthaceae), como o nome vulgar indica, era usada para muitos fins medicinais, de ante desta situação, Saint-Hilaire (2009 p.168), fornece uma análise cautelosa:

geralmente louvada demais para que não tenha, em certos casos, produzido efeitos: logo, é de se desejar que algum médico instruído faça experiências sistemáticas com a planta em questão, e que procure distinguir o que há de verdade nos relatos maravilhosos sobre as curas atribuídas a essa mesma planta.

Sobre a espécie *Cissampelos ovalifolia*¹⁷ DC. (Menispermaceae), indicada, como muitas outras de diversas famílias, para curar picadas de cobra, Saint-Hilaire (2009 p.208), comenta:

É impossível acreditar que plantas que pertencem a famílias diferentes, das quais algumas têm simplesmente sabor e odor herbáceos, possam igualmente curar da mordida das serpentes venenosas: mas será impossível um dia descobrir-se a verdade, se algum observador escrupuloso e instruído não fizer nos animais experiências articuladas com cuidado. (...) O governo brasileiro mereceria o reconhecimento da ciência e da humanidade, se nomeasse uma comissão de homens esclarecidos e ativos para fazerem essas diversas experiências.

USOS DAS PLANTAS: ALGUNS BONS, OUTROS RUINS...

Para algumas plantas, Saint-Hilaire faz comentários sobre os usos feitos pela população. Por exemplo, para *Anchietea pyrifolia*¹⁸ (Mart.) G.Don. (Violaceae), ele comenta que seu uso

¹⁵ Aparece no livro como: *Ionidium ipecacuanha*.

¹⁶ Nome adotado no livro: *Gomphrena officinalis*.

¹⁷ Nome adotado no livro: *Cissampelos ebracteata*.

Valdir Lamim-Guedes

a raiz de *Anchietea salutaris* é empregada como purgativo por vários lavradores das imediações do Rio de Janeiro. Mas talvez esta planta mereça, quanto a isso, menos atenção que a propriedade que se lhe atribui de curar as doenças da pele. (...) a opinião dos brasileiros sobre a *Anchietea* não pode pois ser senão o resultado da experiência; e confirmando as propriedades depurativas das Violáceas, essa opinião, parece-me, deveria motivar as pessoas dessa arte a fazer novas tentativas com as Violetas de nosso país (Saint-Hilaire 2009 p.111).

Para a *Davilla rugosa* Poir. (Dilleniaceae), que tem vários usos, como medicinal (curar inchaço das pernas e testículos), construção (amarrações) e para confecção de balaios e cestos), Saint-Hilaire (2009 p.133), comenta sobre seu uso medicinal:

O sabor azedo de *Davilla rugosa* é prova de que ela participa da adstringência das plantas a família à qual ela pertence, e os brasileiros fazem dessa propriedade feliz uso, pois empregam a planta em questão para curar inchaço das pernas e dos testículos, doença tão comum nas partes quentes e úmidas de seu país.

Sobre o uso medicinal de *Curatella americana*¹⁹ L. (Dilleniaceae), popularmente chamada de *Çambaíba*, Saint-Hilaire (2009 p.145), relata que:

em meu país, lavam-se as feridas com uma decocção de *quina*. No *Certao* ou *Deserto*, faz-se uso semelhante da segunda casca da *Çambaíba*. Encontramos ainda aqui uma feliz aplicação das propriedades do princípio adstringente, logo, não podemos senão recomendar aos brasileiros a continuação de uma prática que unicamente o acaso introduziu entre eles.

Os usos, provavelmente, exagerados de *C. ovalifolia*, criticados pelo autor (citado acima), são semelhantes aos feitos em relação à douradinha (*Walteria communis*²⁰ A.St.-Hil, Malvaceae): “Quanto às propriedades antisifilíticas que lhe são atribuídas pelos brasileiros, elas não poderiam de forma alguma residir num vegetal unicamente mucilaginoso, e são absolutamente imaginárias” (Saint-Hilaire 2009 p.215).

O posicionamento crítico²¹ de Saint-Hilaire aparece diversas vezes na obra, apesar de nos textos os viajantes naturalistas buscarem a objetividade, esta geralmente “revela preconceitos e uma certa estranheza que caracterizam esse olhar-de-fora dos viajantes naturalistas” (Martins 2014). Por exemplo, em relação aos muito usos de *Stachytarpheta jamaicensis*²² (L.) Vahl. (Verbenaceae, nome vulgar: *gervão*), ele destaca as consequências das experimentações populares da seguinte forma:

Essa espécie, que cresce por toda a parte, foi necessariamente uma das primeiras que os brasileiros experimentaram nas enfermidades; mas, como tais experiências foram tentadas num monte de doenças que nada têm de comum entre si, e sempre se louva o remédio quando ele é acompanhado pela cura, natural que se tenha acabado por atribuir ao *Gervão* propriedades

¹⁸ Nome adotado no livro: *Anchietea salutaris*.

¹⁹ Nome adotado no livro: *Curatella Çambaíba*

²⁰ Nome adotado no livro: *Walteria douradinha*

²¹ Conforme comentário de um parecerista anônimo: “Não há apenas um ‘posicionamento crítico’. Há um preconceito proveniente de um olhar europeu, tido como ‘civilizado’, em relação ao modus operandi do caboclo, do habitante do sertão, tido como ‘rude’”.

²² Nome adotado no livro: *Verbena jamaicensis*

Valdir Lamim-Guedes

muito diferentes nas diversas partes do Brasil. (...) Mas, devemos confessar, não vemos mais razão para se acreditar em tantas virtudes do que aquelas que se atribuíam outrora na Europa à *Verbena officinale* (Saint-Hilaire 2009 p.231-232).

Em relação ao *Alecrim brabo* (*Hypericum brasiliense*²³ Choisy, Hypericaceae), que era usada contra mordidas de cobras e outros usos, Saint-Hilaire (2009 p.344) comenta seus usos abundantes da seguinte forma:

aconselharíamos de preferência aos brasileiros, para a cura dessas feridas, medidas cirúrgicas às recorre em nosso país, em tais casos, se não soubéssemos que a experiência ensinou, aos habitantes dos países em as serpentes venenosas abundam, remédios sobre os quais não se pode de longe emitir um julgamento seguro

COMENTÁRIOS SOBRE OS TIPOS VEGETACIONAIS

Saint-Hilaire, ao descrever as localidades onde coletou as plantas, fez comentários sobre a vegetação que apareceriam com mais detalhes apenas em seus relatos de viagem (as *Viagens* pelas províncias do Brasil Colonial), por exemplo, sobre a localidades onde coletou *C. americana* (Dilleniaceae), popularmente chamada de *Çambaíba*, relata (2009 p.144), que: “essa árvore é comum na parte ocidental da província de Minas Gerais, parte que se chama *Certao*. Ela cresce ao mesmo tempo nos pastos ponteados de árvores tortuosas e mirradas (*tabuleiros cobertos*), e nas regiões chamadas *Caatingas*, que perdem suas folhas todos os anos”.

Sobre a localidade de *L. psedothea* (Verbenaceae), Saint-Hilaire comenta que “essa espécie é comum na Serra de Cadonga, perto do vilarejo de Tapanhoacanga, na província de Minas Gerais, onde ela vegeta no meio dos rochedos quartzíferos; é encontrada também no distrito dos diamantes” (Saint-Hilaire 2009 p.386). A Tapanhoacanga é um dos nomes dados atualmente aos afloramentos ferruginosos, que são cobertos pelos campos rupestres, muito característicos do quadrilátero ferrífero em Minas Gerais.

NEM É APENAS SOBRE PLANTAS QUE A OBRA TRATA

Além dos comentários sobre possibilidades de negócios, Saint-Hilaire também faz comentários sobre outros temas, como políticas científica e objetivo dos estudos (citado acima), e a produção de lã e de vinho, como descrita a seguir.

Sobre a espécie *Drosera communis* A.St.-Hil. (Droseraceae), Saint-Hilaire (2009 p.92) comenta que: “Não basta conhecer as plantas úteis; é necessário ainda saber distinguir as que são nocivas, para poder prevenir o mal que possam causar. Foi o me determinou descrever e apresentar a espécie de que trato aqui”. A seguir faz uma digressão descrevendo o potencial brasileiro para a produção de lã e as

²³ Nome adotado no livro: *Hypericum laxiusculum*

práticas inadequadas adotadas. Por fim, comenta que área onde nascem Droseras na França são evitadas pelos criadores. Aqui um fato salta aos olhos, ao longo do texto, que Saint-Hilaire, repetidamente, trata o Brasil como “nosso país” e sobre a França ele coloca como “meu país”. Isto é interessante, pois mostra certo respeito ao Brasil e, até mesmo, um sentimento de pertencimento, sendo que suas sugestões demonstram as potencialidades existente que possibilitariam o desenvolvimento brasileiro.

Uma outra digressão acontece quando o autor descreve os usos de *Annona glabra*²⁴ L. (Anonaceae). As cascas desta espécie eram usadas como rolha, uso desencorajado por ele, no entanto, Saint-Hilaire não se prende neste aspecto e descreve o potencial de produção de vinho no Brasil (2009 p.177), destacando que a experimentação no cultivo e na produção de vinho serão essenciais para o êxito desta nova cultura no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A informações obtidas, organizadas e publicadas por Saint-Hilaire e colaboradores são um retrato sociocultural e ambiental do Brasil colônia, além de demonstrar a nossa rica biodiversidade, sobretudo a flora e seus usos. Com isto, temos a noção do patrimônio que começava a ser revelado no início XIX.

Saint-Hilaire percebeu e registrou o destaque que plantas exóticas tem na alimentação (incluindo os “frutos selvagens”) e medicina do Brasil Colônia, demonstrando uma preferência por estas plantas em detrimento das nativas (Oliveira *et al.* 2012). Oliveira *et al.* (2003), analisando 108 livros que tratavam de usos de plantas no Brasil, encontraram que cerca de 80% das espécies usadas são nativas de outros continentes. Como apresentamos aqui, Saint-Hilaire, optou por dar maior destaque na obra *Plantas Usuais dos Brasileiros* às espécies nativas, incluindo usos que permitem o surgimento e desenvolvimento de novos produtos e mercados. Contudo, o projeto colonial português não tinha interesse em avaliar o potencial de produtos naturais, em contraste, os portugueses esforçaram-se para aclimatar plantas introduzidas de outros continentes no Brasil, desde o início da colonização (Nepomuceno 2008 *apud* Oliveira *et al.* 2012).

Por outro lado, as intensivas transformações nos ecossistemas brasileiros desde o descobrimento, tem causado uma severa erosão genética e cultural das espécies nativas brasileiras (Oliveira *et al.* 2012). Com isto, ressalta-se a importância de ações governamentais ou não, por exemplo, com programas de proteção ao conhecimento tradicional, assim como a proteção da biota, sobretudo

²⁴ Nome adotado no livro: *Annona palustres*.

as espécies em risco de extinção, e ações educativas (por exemplo, usado os relatos de viagem dos viajantes naturalistas, como a relata por Lamim-Guedes & Costa Júnior 2013) de forma que tenhamos um outro cenário futuramente, distinto, melhor do que temos atualmente.

REFERÊNCIAS

- Arnal YT 2000. A exploração botânica na Venezuela durante o século XIX. In SLM Figueirôa. *Um olhar sobre o passado: Histórias das ciências na América Latina*. Editora da Unicamp, Campinas, p. 189-206.
- Brandão MGL, Pignal M, Romaniuc S, Graef CFF, Fagg CW 2012. Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). *Journal of Ethnopharmacology*, 143(2): 488-500.
- CRIA (centro de referência em informação ambiental); IB (Instituto de Botânica); MNHN (Muséum National d'Histoire Naturelle); CLF (Institut des Herbiers Universitaires) 2013. *Herbário Virtual A. De Saint-Hilaire*. Disponível em <http://hvsh.cria.org.br/>.
- Diderot M, D'Alembert M (Orgs.) 1728. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Pellet, Genebra.
- Figueirôa SLM 2000. Ciências geológicas no Brasil no século XIX. In SLM Figueirôa. *Um olhar sobre o passado: Histórias das ciências na América Latina*. Editora da Unicamp, Campinas, p. 163-187.
- IAPT (Internacional Association for Plant Taxonomy). *International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants* (Melbourne Code). 2012. Disponível em <http://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php>.
- Kury L 2001a. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, VIII (Suplemento): 863-880.
- Kury L 2001b. Entre utopia e pragmatismo: a história natural no Iluminismo tardio. In: LC Soares, *Da revolução científica à big (business) Science*, Hucitec, São Paulo; Eduff, Niterói, p. 122-127.
- Kury L 2003. Saint-Hilaire: viajante exemplar. *Intellectus*, 2(3): 1-11, 2003.
- Lahuerta FM 2006. Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822). *Scripta Nova*, X.
- Lamim-Guedes V 2010. Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX. *Filosofia e História da Biologia*, 5(1): 97-114.
- Lamim-Guedes V 2014. Relatos de viagem como forma de comunicação científica. *Comciência*, 160. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=101&id=1242>.
- Lamim-Guedes V, Costa Júnior J 2013. As vilas de Minas na Visão dos Viajantes Naturalistas: interfaces entre história, biologia e educação ambiental. *Ambiente & Educação*, 18(1): p. 15-24.
- LBRJ (Jardim Botânico do Rio de Janeiro). *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. 2015. Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>.

Leite IB 1996. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Martins FM 2014. Cultura e Natureza nas representações dos viajantes naturalistas do século XIX. In: ER Peixoto, MF Derntl, PP Palazzo, R Trevisan (Orgs.). *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo* (Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo). Universidade Brasília - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília. Disponível em <http://www.shcu2014.com.br/content/cultura-e-natureza-nas-representacoes-dos-viajantes-naturalistas-do-seculo-xix>.

Moreira Leite ML 1995. Naturalistas viajantes. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 1(2), 7-19.

Moreira Leite ML 1997. *Livros de viagem: 1803/1900*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro.

Nepomuceno R 2008. *O Jardim de D. João*, 2 ed., Casa da Palavra, Rio de Janeiro.

Oliveira FQ, Junqueira R, Stehmann JR, Brandão, MGL 2003. Potencial das plantas medicinais como fonte de novos antimaláricos: espécies indicadas na bibliografia etnomédica brasileira. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 5: 23–31.

Oliveira VB, Yamada LT, Fagg CW, Brandão MGL 2012. Native foods from Brazilian biodiversity as a source of bioactive compounds. *Food Research International*, 48: 170–179.

Peixoto AL, Amorim MP 2003. Coleções botânicas: documentação da biodiversidade brasileira. *Ciência e Cultura*, 55(3): 21-24.

Pereira PR (Org.) 2001. *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia das fontes sobre o Brasil*. Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, Rio de Janeiro. Pignal M, Romaniuc-Neto S, de Souza S, Chagnoux S, Lange Canhos DA. 2013. Saint-Hilaire virtual herbarium, a new upgradeable tool to study Brazilian botany. *Adansonia*, 35(1): 7-18.

RBG (Royal Botanic Gardens, Kew, Inglaterra); MBG (Missouri Botanical Garden, EUA). *The Plant List: a working list of all known plant species*. 2013. Disponível em <http://www.theplantlist.org/>.

Reznik G 2011. De volta para casa. *Ciência Hoje*. Disponível em <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2011/06/de-volta-para-casa>.

Saint-Hilaire A 1824a. *Plantes usuelles des Bre'siliens*, Grimbert Libraire, Paris. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k97595d/f1.image>.

Saint-Hilaire A 1824b. *Histoire des plantes les plus remarquables du Bre'sil et du Paraguay*, Paris, Chez A. Belin, Imprimeur Libraire.

Saint-Hilaire A 1974. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Trad. L. A. Penna. Itatiaia, Belo Horizonte; Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Saint-Hilaire A 2009. *Plantas usuais dos brasileiros*. Brandão, M. G. L.; Pignal, M. (Org.); tradução de C. P. B. Mourão e C. F. Santiago. Código Comunicação, Belo Horizonte. Disponível em <http://www.ceplamt.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Plantas-usuais-dos-brasileiros.pdf>.

Saint-Hilaire A, Cambessèdes J, Jussieu A 1825[-1833]. *Flora Brasiliae meridionalis.[...] accedunt tabulae delineatae a Turpinio aeriue incisae*. Regiae Majestati consecratum. 3 vol. (24 tomos). Belin, Paris.

Species of the Brazilian Flora and its Uses in the 19th Century in 'Plantas Usuais dos Brasileiros' by Auguste de Saint-Hilaire

ABSTRACT

In this work we analyze the description of several native species and their uses contained in the work *Plantas Usuais dos Brasileiros* (Usual Plants of Brazilians), by the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), published in French in 1824 and in Portuguese only in 2009. The comments made by Saint-Hilaire in the *Plantas Usuais dos Brasileiros* were compiled. Comments on local potentialities, new uses of plants and the socio-environmental situation of the territory were identified.

Keywords: Naturalist Travelers; Medicinal Plants; Biodiversity; History of Science and Technology.

Submissão: 21/19/2018
Aceite: 25/04/2018

APÊNDICE 01

Espécies, nome vulgar, localização (geográfica e habitat) e usos disponíveis na obra Plantas Usuais dos Brasileiros de Auguste de Saint-Hilaire (2009).

Nome científico	Família	Nome Vulgar	Habitat	Uso	Sugestão de novo uso
<i>Strychnos pseudoquina</i>	Apocinaceae	Quina do campo	Cerrado (MG e GO)	Medicinal (febres intermitentes, princ., e outros males)	Ampliar uso medicinal
<i>Cinchona ferruginea</i> ; <i>C. Vellozii</i> ; <i>C. remijiana</i>	Rubiaceae	Quina da serra; quina de remijo	Campos rupestres ferruginosos de MG	Medicinal (febrífugo e febres intermitentes e outros males)	-
<i>Exostema cuspidatum</i> , <i>E. australe</i>	Rubiaceae	Quina do Mato	Matas virgens do Brasil meridional	Medicinal (febres intermitentes)	Uso apenas na ausência das citadas acima.
<i>Evodia febrifuga</i>	Rutaceae	Três folhas vermelhas, laranjeira do mato, quina	Matas de altitude de MG	Medicinal (Febrífugo)	
<i>Simaruba versicolor</i>	Simarubáceas	Paraíba	Pastos de MG, vizinhos do Rio S. Francisco ("Certaó")	Medicinal (vermicida, doenças pediculares dos homens e dos cavalos)	
<i>Cephaelis ipecacuanha</i>	Rubiaceae	Poaya, Poaya do mato, Poaya da Botica, (Na França, Ipecacuanha)	Florestas úmidas e sombreadas (Pe, Ba, MG, ES, RJ e SP)	Medicinal (emética, catarros crônicos, coqueluches, cura de disenterias)	Sugere o plantio comercial, dada a destruição das matas.
<i>Richardsonia rosea</i>	Rubiaceae	Poaya do campo	Serras da região de São João del Rey e Vila Rica (planta ruderal)	Os mesmo da <i>Cephaelis ipecacuanha</i> , mas com doses menores.	Substituta a <i>Cephaelis ipecacuanha</i> , poderia ser plantada facilmente.
<i>Richardsonia scabra</i>	Rubiaceae	Poaya do campo	Muito comum no RJ, em locais alterados	Os mesmo da <i>Cephaelis ipecacuanha</i> , menos "heroica" que <i>R. Rosea</i> .	Sugere o uso
<i>Ionidium poaya</i>	Violaceae	Poaya do campo	Oeste do Rio S. Francisco, pastos naturais (campos) em MG. Parte meridional de Goiás.	substituta a <i>Cephaelis ipecacuanha</i> (sem testes). É evacuante e "purgam um adulto"	
<i>Conoboria lobolobo</i> ; <i>C. Castanefolia</i>	Violaceae	Lobolobo	Matas montanhosas dos arredores do RJ	uso alimentar	Cultivo e "domesticação"
<i>Ionidium ipecacuanha</i>	Violaceae	Poaya, Poaya da praia, Poaya branca	Caiena e Brasil (todo litoral, desde o Rio	Usos semelhantes ao de <i>Cephaelis Ipecacuanha</i> ,	"para merecer a atenção das pessoas da arte"

Nome científico	Família	Nome Vulgar	Habitat	Uso	Sugestão de novo uso
<i>Spermacoce poaya</i>	Rubiaceae	Poaya do campo	Amazonas até cabo frio) Pastos e elevados de MG	inclui disenteria e gota. Uso medicinal (substituía a Ipecacuanha, decocção contra cólicas e outras dores internas)	
<i>Spermacoce ferruginea</i>	Rubiaceae	Poaya , Poaya da praia	Pastos e elevados de MG e SP e areias de Cabo Frio	Uso medicinal (substituía a <i>Ionidim ipecacuanba</i> , emética)	
<i>Calypttranthes aromatica</i>	Mirtaceae	Craveiro da terra	Matas virgens do RJ	Aromática (semelhante ao cravo-da-índia)	Sugere como novo negócio ao Brasil
<i>Drosera communis</i>	Droseraceae		Charcos de SP e MG	Venenosas para animais de lã	
<i>Ticorea febrifuga</i>	Rutaceae	Quina, três folhas brancas	Florestas da parte ocidental de MG	Medicinal (febres intermitentes)	
<i>Hortia brasiliana</i>	Rutaceae	Quina	Pastos naturais da parte mais ocidental de MG e sul de GO	Medicinal (febrífugas)	Confirma propriedades febrífugas das rutáceas, não vê necessidade em usá-la já que ocorre junto de <i>Strychnos pseudoquina</i> .
<i>Euphorbia papillosa</i>	Euphorbiaceae	Leiteira, Lechetres	Pastos arenosos perto de Garupava, SC.	Medicinal (purgativo)	"que algum homem esclarecido fizesse com essa planta experiências regulares"
<i>Anchietea salutaris</i>	Violaceae		Imediação de RJ	Medicinal (purgativo, doenças da pele)	
<i>Ionidium parviflorum</i>	Violaceae	Sul da parte da província de SP que se chama <i>campos gerais</i> (paraná)	Uso medicinal (substituta de Ipecacuanha e similares)	Incentiva o uso em áreas sem Ipecacuanha e similares.	
<i>Solanum pseudoquina</i>	solanaceae	Quina	Matas do distrito de Curitiba	Medicinal (é uma quina)	
<i>Davilla rugosa</i>	Dilleniaceas	Cipó de carijó (RJ e MG), Çambaibinha (MG), cipó de caboclo (parte meridional de sp)		Medicinal (curar inchaço das pernas e testículos), construção (amarrações), para confecção de balaios e cestos)	"brasileiros fazem dessa propriedade feliz uso"
<i>Davilla elliptica</i>	Dilleniaceas	Çambaibinha		Medicinal (empregada como vulnerária)	
<i>Curatella Çambaiba</i>	Dilleniaceas	Çambaiba	Parte ocidental de	Medicinal (usada	

Nome científico	Família	Nome Vulgar	Habitat	Uso	Sugestão de novo uso
			MG ("Certa" e caatingas)	como quina)	
<i>Echium plantagineum</i>	Borragináceas	Borracha chimarrona	Não é do Br, é europeia, cultivada da Cisplatina até forte de Santa Teresa.	Mucilaginosa (borracha)	
<i>Drymis granatensis</i> (v. <i>Campetris</i> , v. <i>Sylvatica</i> ; v. <i>Montana</i>)	Magnoliáceas	Casca d'Anta	Várias parte do Br, sobretudo MG, inclui campos ferruginosos.	Medicinal (cólicas e males do estômago) e como especiaria	
<i>Anona sylvatica</i>	Anonaceae	Araticu do mato	Florestas da província de MG	Uso alimentar e madeira para esculturas.	
<i>Anona palustris</i>	Anonaceae	Araticu do Brejo, Cortissa	Em sociedade nos lugares inundados pelas águas do mar, abundante em Rj e Es	Uso como rolha (desencorajado)	Comenta sobre a produção de vinho no país.
<i>Gomphoea officinalis</i>	Amarantháceas	Para todo, Perpétua, Raiz do padre Salerma	Pastos naturais de Minas e no norte de SP	Uso medicinal (para muitos usos, dificilmente abranja todos)	Sugere estudos
<i>Gomphoea macrocephala</i>	Amarantháceas	Para todo, Perpétua	SP (para baixo de Sorocaba até Curitiba)	Uso medicinal (para muitos usos, dificilmente abranja todos)	Sugere estudos "acaba por provar que elas são realmente medicinais, e que merecem a atenção dos homens da arte"
<i>Xylopiia sericea</i>	Anonaceae	cf. Embira, pindaíba	Comum em florestas montanhosas vizinhas do RJ	Uso como fibra para cordas; especiaria	Faz um comentário sobre a substituição do uso como embira, para ser especiaria, seria um novo negócio ao país.
<i>Cissampelos ovalifolia</i>	Menispermáceas	Orelha de onça	Sul de Goiás, leste de MG, próximo a Paracatu e Pará	Febrífugo, febres intermitentes	Descreve 3 variedades
<i>Cissampelos ebracteata</i>	Menispermáceas	Orelha de onça	Suposto remédio contra serpentes	Faz comentário sobre a necessidade de estudos	"o governo brasileiro mereceria o reconhecimento da ciência e da humanidade, se nomeasse uma comissão de homens esclarecidos e ativos para fazerem essas

Nome científico	Família	Nome Vulgar	Habitat	Uso	Sugestão de novo uso
<i>Walteria douradinha</i>	Malvacéas	Douradinha	Lugares pedregosos nas margens do Uruguai (RS e Missões)		diversas experiências. " Medicinal (decoção contra as doenças venéreas e as do peito, afecções catarrais, suposta ação antissifilíticas.
<i>Zanthoxylum hyemale</i>	Rutaceae	Coentrilho	Parte oriental do RS	Uso medicinal (ouvido) e madeira para construção	Diz que a madeira é um bom motivo para valorizar o seu uso.
<i>Gomphia hexasperma</i>	Ochnaceae		Distrito de Minas-Novas e no deserto do Rio São Francisco. Ela cresce no meio das pastagens semeadas de árvores retorcidas e mirradas (tabuleiros cobertos)	Cura de feridas de animais causada por insetos, parece ter possíveis usos como a quina	
<i>Verbena jamaicensis</i>	Verbenaceae	Gervão, urgevão, orgibão	Ocupa áreas alteradas de todo o país	Usos diversos (dificilmente é válida para todos)	Duas variedades (?)
<i>Verbena pseudogervao</i>	Verbenaceae	Gervão da folha grande	Matas de SP e MG. (alteradas e não)	Uso semelhante do germão, no entanto, por engano.	
<i>Tropaeolum pentaphyllum</i>	Geraniáceas	Chagas de miúda (nome português)	Lugares arenosos de cisplatina e RS	Medicinal (antiescorbútics) e ornamental	
<i>Cocculus platyphylla</i>	Menispermáceas	Butua	Florestas da parte setentrional de MG, minas novas.	Medicinal (febres intermitentes e males do fígado)	
<i>Oxalis repens</i>	Geraniáceas	Aredinha (talvez azedinha), frero	RJ, distrito dos diamantes e, provavelmente, em outros locais.	Medicinal (febres atáxicas - malinas)	
<i>Oxalis fulva</i>	Geraniáceas		MG	Medicinal (febres atáxicas - malinas)	
<i>Oxalis cordata</i>	Geraniáceas		GO	Medicinal (febres atáxicas - malinas)	
<i>Sterculia chicha</i>	Malvacéa. Tribo das Sterculiaceas	Chichá	GO	Frutos comestíveis e ornamental	“Ele ornamentará seus jardins pela sua beleza, e seus frutos aumentarão seus prazeres”.
<i>Guazuma ulmifolia</i> ; <i>Guazuma ulmifolia</i> varietas	Malvaceae	Mutamba, mutambo	Mato grosso de GO e Parte ocidental da província de MG	Comestível (chupar frutos), usos no exterior (clarear açúcar e mucilagem que	Sugere os novos usos e o cultivo para melhorar o fruto.

Espécies da Flora Brasileira e seus Usos no Século XIX em 'Plantas Usuais dos Brasileiros', de Auguste de Saint-Hilaire

Valdir Lamim-Guedes

Nome científico	Família	Nome Vulgar	Habitat	Uso	Sugestão de novo uso
<i>Sida micrantha</i>	Malvaceae	Malvalistro	MG	pode ser tecida e para doenças da pele) Caules são usados para fazer foguetes.	
<i>Sida carpinifolia</i>	Malvaceae	Vassora (pt), tupicha (guarani)	Locais alterados	Vassoura, medicinal (picada de vespas,	
<i>Abutilon esculentum</i>	Malvaceae	Benção de deus	Cercanias de RJ	Comestível (come-se as flores com carne)	
<i>Spheralcea cisplatina</i>	Malvaceae	Malvalisco	Cisplatina	Medicinal (doenças do peito)	
<i>Pavonia diurética</i>	Malvaceae		Certa de MG	Medicinal (diurética, emoliente - auxilia quando há dificuldade para urinar)	
<i>Anda gomesii; Anda gomesii (fructus)</i>	Euphorbiaceae	Andaacu; Anda (língua primitiva dos brasileiros)	Terrenos arenosos, não longo do mar, coletada no RJ	Medicinal (purgativa), fonte de óleo para pintura e queima em lamparina	Sugere o plantio
<i>Urena lobata</i>	Malvaceae	Malvalisco, guaxima	Campos cultivados do RJ	Medicinal (cólicas, expectorante), casca para fazer redes	
<i>Cochlospermum insigne</i>	Ternstroemiáceas	Butua do curvo	Certa (Paracatu, Formigas), Caatinga (Minas Novas)	Medicinal (dores internas,	
<i>Kielmeyera speciosa</i>	Ternstroemiáceas	Malva do campo, folha santa, pinhão	Tabuleiros cobertos de MG (campos entremeados de árvores mirradas)	Medicinal (decoção para banhos emolientes e calmante)	
<i>Croton perdicipes</i>	Euphorbiaceae	Pé de perdiz (interior MG), Alcânfra (deserto do r. S. Francisco); cocaleira (SP)	Sp e Mg	Medicinal (diurética, contra sífilis)	
<i>Croton campestris</i>	Euphorbiaceae	Velame do campo	Congonhas do campo	Medicinal (diurética, contra sífilis)	
<i>Hypericum connatum</i>	Hypericáceas	Orelha de gato	Cisplatina e Missões.	Medicinal (males da garganta)	
<i>Hypericum laxiusculum</i>	Hypericáceas	Alecrim brabo	SP (campos gerais - fazenda da fortaleza) e MG	Medicinal (decoção contra as doenças venéreas e as do peito, afecções catarrais, suposta	

Valdir Lamim-Guedes

Nome científico	Família	Nome Vulgar	Habitat	Uso	Sugestão de novo uso
<i>Chorisia speciosa</i>	Malvaceae	Árvore da paina	Matas virgens e algumas plantadas, coletadas no RJ e MG	ação antissifilíticas. Enchimento para almofadas e travesseiros	
<i>Helicteres sacarolba</i>	Malvaceae	Sacarolla, rosea paras malas	MG e SP	Medicinal (afecções venéreas)	
<i>Maprounea brasiliensis</i>	Euphorbiaceae	Marmeleiro do campo	MG e Minas Novas	Tintura e medicinal (lavagem nos desarranjos estomacais)	Uso medicinal duvidoso
<i>Labea paniculata</i>	Tiliáceas	Açoita cavalos	Deserto do Rio São Francisco	Curtir o couro, madeira branca, tenra e leve (acoite de cavalos, solas de sapatos para mangue e coronhas de fuzil = rever texto, p. 367)	
<i>Schmidella edulis</i>	Sapindaceae	Fruta de parão	MG e SP	Comestível	
<i>Sapindus esculentus</i>	Sapindaceae	Pitombeira	Certa do Rio São Francisco	Comestível	Comentário que trata A. Saint-Hilaire em terceira pessoa (foi escrito por colaboradores da obra).
<i>Erythroxylum suberosum</i>	Erythroxyláceas	Galinha choca; mercúrio do campo	Planaltos cobertos de matas (carrascos) de Piedade (Minas Novas) e campos do <i>Certao</i> de MG.	Tintura	
<i>Lantana psedo-thea</i>	Verbenaceae	Capitão do mato, chá de pedreste	Perto de Tapanhoacanga - mg	Chá	Sugerem a adoção ao invés do chá verdadeiro.